

**A ÁREA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS E A PRODUÇÃO ACADÊMICA  
SOBRE O BRASIL**

Camila Maria Risso Sales

camilarisso@yahoo.com.br

Doutorado em Ciência Política

Universidade Federal de São Carlos

"Trabajo preparado para su presentación en el VII Congreso Latinoamericano de Ciencia Política, organizado por la Asociación Latinoamericana de Ciencia Política (ALACIP). Bogotá, 25 al 27 de septiembre de 2013."

**Bogotá  
2013**

# A ÁREA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS E A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE O BRASIL

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo avaliar a produção acadêmica internacional sobre o Brasil, desde o início do século XXI, especificamente na área de relações internacionais. O objetivo específico é verificar se há uma mudança na percepção sobre o Brasil, e se o tratamento do país como potência emergente se torna mais frequente. A primeira parte da pesquisa consiste num levantamento, através da plataforma *Web of Knowledge* dos periódicos estrangeiros que pontuaram no *Impact Fator*, índice construído a partir do número de citações que a revista teve em 2011, da ferramenta *Journal Citation Reports – Social Sciences Edition* (2011). Estão listados 81 periódicos. Feito isso, poder-se-á avaliar como a academia estrangeira tem se comportado em relação ao Brasil em termos quantitativos e qualitativos. Acredita-se que com isso será possível auxiliar, ainda que inicialmente na construção de um cenário acerca da posição da academia estrangeira sobre o lugar do Brasil no sistema político internacional. Nos anos 70, diversas análises tratavam da emergência do Brasil com referências ao forte crescimento econômico. No entanto, essa visão vinha contrabalanceada por outra, negativa em relação à prática da tortura, a ausência de democracia e à desigualdade social. O desenho atual é outro. O Brasil vem aparecendo tanto na academia quanto na mídia internacional como uma potência em ascensão, reconhecido como um ator global emergente. O discurso e a percepção sobre o Brasil assentam-se hoje em, basicamente, quatro fatores: o crescimento e a estabilidade econômica, o regime democrático, a redução da desigualdade social e a autossuficiência energética.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações Internacionais. Potência emergente. Política externa brasileira.

## INTRODUÇÃO

O sistema político internacional é marcado por uma hierarquização dos Estados, nas Relações Internacionais busca-se entender o lugar que as unidades ocupam dentro desse sistema e o relacionamento que há entre estas, além das implicações deste posicionamento para as políticas externa e de defesa. A pergunta que norteia a reflexão, ainda que inicial, proposta nesse artigo é: no século XXI, é possível detectar mudanças na percepção sobre o lugar do Brasil no sistema internacional? Para além das capacidades materiais, cuja importância não pode ser negada, entende-se que o discurso sobre a ascensão e a construção da imagem do Brasil como uma potência emergente também contam na determinação do posicionamento do país no cenário internacional. No espaço que cabe a este artigo será tratada principalmente a percepção de setores especializados em relações internacionais e em política externa e de defesa, no entanto, é importante deixar claro que este é apenas um dos muitos aspectos que podem ser analisados.

O conceito de potência é definido por Aron (2002) como a capacidade que as unidades têm de impor sua vontade às demais. Buzan (2003, 2004) enfatiza que além dos meios materiais, a definição de potência deve levar em conta o estatuto que os outros Estados conferem a uma determinada unidade política e o lugar em que os próprios Estados se

colocam. Quanto ao conceito específico de potência emergente, é difícil precisar o momento de seu surgimento. Como referência ao Brasil essa ideia começa a ser usada a partir dos anos 1970. Perry e Kern (1978) atribuem a ideia de potência emergente àqueles países que passam a ser competidores cada vez mais acreditados no ambiente internacional<sup>1</sup>, ou que estejam emergindo para algum *status* de maior poder, como um ator internacional significativo.

No que tange à política de defesa esse posicionamento no sistema internacional pauta os rumos a serem tomados. A estruturação de uma política de defesa depende do papel desempenhado pelo país no cenário internacional, mas também contribui para que este papel seja definido, numa via de mão dupla.

Para Buzan e Wæver (2008) o sistema internacional só pode ser compreendido se, além dos critérios objetivos de determinação do status de uma potência, sejam feitas considerações acerca da identidade desta. A percepção, tanto dos demais atores como do próprio Estado são elementos a serem considerados. Portanto, a perspectiva teórica que nos ajudará a pensar a problemática deste artigo se alinha ao debate proposto por Barry Buzan (2004a) de conciliação da Escola Inglesa com o neorrealismo e o construtivismo wendiano. Assim, para entender as mudanças no sistema internacional e as consequências destas não se deve olhar apenas para a distribuição internacional de poder, mas também para a estrutura normativa da sociedade internacional e como esta estrutura influencia na construção dos papéis a serem desempenhados pelos Estados. As análises que partem de critérios mensuráveis de poder são importantes, mas têm limites, pois retiram da discussão dois elementos relevantes. Primeiro o contexto, que nos leva a entender um quadro mais complexo de atuação das unidades no sistema internacional e também os motivos e valores que intervêm na discussão sobre poder e influência.

Desta maneira, a definição de categorias como potência média, potência emergente ou em ascensão é feita não apenas por atributos objetivos, mas por uma identidade criada interna ou internacionalmente. Buscamos compreender como entendimentos intersubjetivos são construídos para que se formem as estruturas básicas pelas quais os Estados se relacionam (BUZAN, 2002). Da mesma forma, é possível discutir como o significado e o peso das ideias têm relevância na determinação da agenda internacional (VIGEVANI et al., 2011).

One side of a constructivist approach to middle-powers would therefore look to the historical emergence of particular foreign policy ideologies or discourses. [...]So, even if it does not lead to hard theory, one can develop an interesting way into the category of intermediate powers, not by trying to identify some defining set of material attributes but rather by getting at the ideas and ideologies that motivate the states involved. (HURRELL, 2000, p. 2).

Este artigo se propõe a apresentar de forma bastante preliminar ainda, como, em torno do Brasil tem sido construída a ideia de potência emergente. Lembrando que esta construção é feita tanto interna quanto internacionalmente. Além disso, pretende-se mostrar que essa ideia que já foi utilizada como referência ao Brasil nos anos 1970 é resgatada nesse início do século XXI, no entanto, com uma base diferente, não apenas assentada no crescimento econômico. Da mesma forma é relevante notar como este tipo de posicionamento no cenário internacional pode influenciar as políticas de defesa e de segurança.

---

<sup>1</sup> “[...] increasingly credible power contender in the international environment” (p. 55).

## 1 O BRASIL POTÊNCIA NOS ANOS 70

A construção da imagem do Brasil como potência emergente ou em ascensão é um fenômeno recente, com bases próprias, mas não se pode dizer que seja completamente inédito. Nos anos 70, diversas análises tratavam da emergência do Brasil com referências ao forte crescimento econômico. O artigo de William Perry e Sheila Kern, “The Brazilian nuclear program in a foreign policy context”, publicado na revista *Comparative Strategy*, em 1978 destacava a potencialidade brasileira como nação em desenvolvimento. “In addition, it must be clearly recognized that among all the developing nations, Brazil is probably the most likely, over forthcoming decades, to enter the ranks of the world's principal power centers (p. 66). Para os autores, o Brasil estaria avançando para se tornar um poder autônomo tendo um papel mais positivo e influente no mundo e para isso, o programa nuclear brasileiro era fundamental uma vez que a relação entre o lugar ocupado por um Estado no sistema internacional reflete-se na política de defesa, ainda que existam outros fatores a influenciá-la.

Acredita-se que o *status* de potência emergente foi atribuído ao Brasil, pela primeira vez, pelo próprio Perry, dois anos antes, em 1976, quando publica o livro *Contemporary Brazilian Foreign Policy: The International Strategy of an Emerging Power*, este é um marco fundamental da construção da percepção do Brasil como potência emergente. No mesmo ano, Ronald Schneider publica *Brazil: Foreign policy of a future world power*. Análises que vinham reforçar outras, como a de Riordan Roett “Brazil ascendant: international relations and geopolitics in the late 20th century” que saiu no *Journal of International Affairs* em 1975 e a ainda anterior, de 1973, do livro de Donald Emmet Worcester, *Brazil, from colony to world power* que mesmo que não usassem tão claramente o termo potência emergente para se referirem ao Brasil, esta ideia já estava presente. Não só em língua inglesa é possível encontrar publicações que destacavam a potencialidade brasileira, *Demain Le Brésil? Militarisme et Technocratie*, livro de Michel Schooyans, que foi editado pela primeira vez em 1977 é um exemplo disso. Há ainda documentos como o *Memorandum of Understanding Concerning Consultations on Matters of Mutual Interest* assinado por Henry A. Kissinger e Antonio F. Azeredo da Silveira em 1976, que demonstram o reconhecimento do Brasil como ator significativo no cenário internacional.

Por outro lado, esse destaque dado a ascensão do Brasil, principalmente no campo econômico vinha contrabalanceado por uma visão bastante negativa relativa ao desrespeito aos direitos humanos, especialmente quanto ao emprego da tortura, à ausência de democracia e à grave desigualdade social. Esses aspectos apareceram em livros que tiveram grande repercussão internacionalmente como *Estratégia do terror: A face oculta e repressiva do Brasil*, de Ettore Biocca publicado em Lisboa, em 1974 e “*Pau de Arara*” – *La Violence Militaire au Brésil*, nunca publicado em português, escrito por Bernardo Kucinski e Italo Tronca, de 1971. No Chile, Rodrigo Alarcon lança, também em 1971, *Brasil: repressión y tortura*.

Esses são exemplos de como o Brasil, nos anos 70, era internacionalmente percebido a partir de dois marcos: a pujança econômica e o retrocesso político representado pela ditadura militar.

## 2 SÉCULO XXI: BRASIL POTÊNCIA EMERGENTE

Diferentemente o que se via nos anos 70, o desenho atual é diverso. O Brasil tem aparecido, com frequência, tanto na literatura de relações internacionais quanto na mídia

internacional como uma potência em ascensão, sendo reconhecido como um ator global emergente. O discurso e a percepção sobre o Brasil se assentam, hoje, em basicamente quatro fatores: o crescimento e a estabilidade econômica, o regime democrático, a redução da desigualdade social e a autossuficiência energética. Além disso, a potencialidade do Brasil como exportador, a forte presença nas instituições multilaterais e as relações com outros países em desenvolvimento, são frequentemente destacadas.

Acredita-se que é possível destacar o ano de 2001 como um momento de inflexão na mudança da percepção internacional sobre o Brasil, tanto na academia quanto na imprensa. A ideia não é estabelecer esse momento de maneira absoluta, mas deve ser destacado. É nesse ano que o conceito de potência emergente adquire nova importância. O Brasil, juntamente com Rússia, Índia e China são alçados a esse posto pelo banco de investimento Goldman Sachs que cunhou o termo BRICs e parece ter influenciado a construção de uma nova percepção sobre o Brasil (O'NEIL, 2001) “This gigantic nation—be it in territorial, population, or economic terms—has been categorized as an emergent power at least since 2001, when a Goldman Sachs report defined it as a BRIC country” (MALAMUD, 2011, p. 4).

Além desse, outros momentos merecem relevo. Em 2003, a publicação de um segundo relatório, ainda mais otimista, do Goldman Sachs (WILSON e PURUSHOTHAMAN, 2003), a atuação do Brasil na Organização Mundial de Comércio (OMC), com a criação do G-20 na Conferência de Cancun e o nascimento da Aliança entre Índia, Brasil e África do Sul (IBAS) refletem a percepção sobre o Brasil e sua disposição em colocar-se mais ativamente no cenário internacional (OLIVEIRA, 2005). É marcante também todo o processo desencadeado pela crise mundial de 2008, menos pela crise em si, mas principalmente pelo fato do Brasil ter sofrido menos do que os analistas esperavam em comparação com outros países. “In recent years, Brazil has generated a level of international interest and excitement that was wholly unexpected and unpredictable as little as 10 years ago” (KINGSTONE, 2009, s/p).

A percepção sobre a ascensão do Brasil pode ser vista em um número grande de artigos de cunho acadêmico e jornalístico que destacam a potencialidade de atuação como liderança não só regional, mas dos países em desenvolvimento. Andrew Hurrell, um dos pioneiros nos estudos sobre a emergência do Brasil no sistema político internacional publicou na *Current History*, respectivamente em 2008 e 2010 “Lula’s Brazil: a rising power but going where?” e “Brazil and the new global order”. Os dois artigos destacam o papel proeminente da política externa brasileira nos governos Lula, cujo tom foi de inserção do Brasil no mundo como uma potência. É de 2010(a) também o capítulo de Hurrell “Brazil: what kind of rising state in what kind of institutional order”, publicado no livro *Rising states, rising institutions: challenges for global governance*<sup>2</sup>. Neste o autor também enfatiza a proeminência global adquirida pelo Brasil. “Building on President Lula’s extraordinary personal popularity, the country’s continued economic stability, and the success of its more assertive foreign policy, Brazil has undoubtedly acquired a new global prominence” (p. 128). Nessa mesma linha, em 2008, na *Foreign Affairs*, uma das mais importantes revistas de relações internacionais do mundo<sup>3</sup> é publicado o artigo “Brazil’s Big Moment—A South American Giant Wakes Up” de Juan de Onis. A referência a esses artigos longe de querer esgotar todo o rol de publicações sobre o Brasil no período recente traz exemplos importantes da visibilidade adquirida pelo Brasil na literatura especializada em Relações Internacionais.

---

<sup>2</sup> ALEXANDROFF, Alan S. e COOPER, Andrew F. (org.).

<sup>3</sup> De acordo com o *Journal Citation Reports Social Sciences Edition*, 2011, a Revista *Foreign Affairs* ocupa a sexta colocação segundo o *Impact Factor*.

Na imprensa também são diversas manifestações nesse sentido. Destacamos dois artigos do *The Wall Street Journal*, “Brazil Joins Front Rank of New Economic Powers” (2008) e “Economy Fuels Brazil’s Ambitions Beyond South America” (2009). Na mesma linha a revista *The Economist*, em novembro de 2009, dá a sua capa ao Brasil, e destaca que o B dos BRICs tem vantagens em relação aos outros Estados. Diferentemente da China, o Brasil é uma democracia e diferentemente da Índia não sofre com conflitos étnicos, religiosos ou com a hostilidade de seus vizinhos e ao contrário da Rússia, tem uma pauta diversificada de exportações que vai além do petróleo e das armas, conferindo ainda maior respeito aos investidores<sup>4</sup>. O artigo “From poverty to power: how good governance made Brazil as a model nation” do *Spiegel Online*<sup>5</sup> em outubro de 2012 e ainda, em fevereiro de 2013, a capa da *Financial Times Magazine* com *Here comes Brazil* e artigos como: “Brazil: the first big ‘soft’ power” e “A place at the top of the tree” são demonstrações de como a imprensa, mesmo em veículos considerados conservadores estava atenta ao papel desempenhado pelo Brasil.

A percepção da academia e da imprensa internacional sobre a ascensão do Brasil é reforçada por alguns organismos internacionais. É o caso da *Commission of European Communities*, que no documento “Communication from the Commission to the Council and the European Parliament: Towards an EU-Brazil Strategic Partnership (COM 281)” publicado em maio de 2007 traz referências como: “Over the last years, Brazil has become an increasingly significant global player and emerged as a key interlocutor for the EU” [...] “The time has come to look at Brazil as a strategic partner as well as a major Latin American economic actor and regional leader” [...] “Over the last few years Brazil has emerged as a champion of the developing world in the UN and at the WTO” (p.2). “In recent years Brazil has assumed a leading role on behalf of developing countries in the WTO, notably in agricultural trade and through the G20 group” (p. 4).

O Brasil também ocupou a atenção do Council on Foreign Relations (Estados Unidos da América). O conselho, que é um órgão independente do governo americano, lança, periodicamente, uma publicação chamada *Task Force*. Em duas oportunidades, o Brasil foi tema deste documento - em 2001, “A Letter to the President and a Memorandum on U.S. Policy Toward Brazil” e, em 2011, “Global Brazil and U.S. - Brazil Relations”. A primeira dessas publicações tem 17 páginas e não coloca, em momento algum, o Brasil na condição de potência emergente ou em ascensão no sistema internacional. A segunda conta com 125 páginas e nela vemos referências como: “[...] a significant power and presence on the world stage” (p. 3); “And Brazil must adjust to its new role as a global power” (p. 5); “[...] now be counted among the world’s pivotal powers. Brazil” (p. 7); “[...] a new potential hegemon with its sights set on global power” (p. 54); “[...] Brazil’s emerging role as a global power” (p. 80). Isso sinaliza que a posição dos Estados Unidos em relação ao Brasil pode ter sido alterada, que pode haver uma mudança na percepção do lugar do Brasil na política externa norte-americana.

O *National Intelligence Council* que é o órgão ao qual está submetida a política de inteligência norte-americana publica, a cada 5 anos um documento chamado *Global Trends*. Até hoje, foram publicadas 5 edições. Somente a comparação desses documentos mereceria um estudo específico, no entanto, esta não é a proposta desse artigo. O primeiro documento, de dezembro de 1997, o *Global Trends 2010* o Brasil é citado uma única vez numa referência a ideia de que, junto com o México, seria uma voz dominante na cooperação e integração econômica do continente. No *Global Trends 2015*, de dezembro de 2000, são 10 citações do Brasil, num documento que também cresceu bastante em comparação ao primeiro. O *Global*

---

<sup>4</sup> Além da reportagem de capa a revista dispensa 15 páginas para a publicação de artigos como “Condemned to Prosperity” e “A better today”.

<sup>5</sup> FOLLATH, Erich; GLUESING, Jens.

*Trends 2020* de dezembro de 2004, o Brasil aparece em 15 momentos. Na publicação de novembro de 2008 são 22 inserções, com trechos do documento dedicados exclusivamente ao Brasil. E, no último documento, o *Global Trends 2030*, de dezembro de 2012, há 31 referências ao Brasil, destacando-o diversas vezes como potência. Esse crescente no número de vezes que o Brasil é citado num documento oficial da inteligência norte-americana pode ser sintomático da importância que o Brasil veio adquirindo nos últimos anos<sup>6</sup>.

Há ainda, uma quantidade considerável de livros sendo publicados sobre a emergência do Brasil no cenário internacional. Apesar de não apresentarmos uma listagem exaustiva da produção internacional sobre o Brasil, alguns títulos merecem ser destacados. O embaixador americano Lincoln Gordon publica em 2001 *Brazil's Second Chance: En Route Toward the First World*. Depois de 2008, há um número significativo de publicações, o que se supõe seja um efeito também do enfrentamento do Brasil à crise. Em 2009, é editado o livro *Brazil under Lula: Economy, Politics, and Society under the Worker-President* dos professores da Universidade de Illinois, Joseph L. Love e Werner Baer e também *Brazil as an Economic Superpower?: Understanding Brazil's Changing Role in the Global Economy* de Lael Brainard e Leonardo Martinez-Diaz ambos funcionários do Departamento do Tesouro do governo Barack Obama. Riordan Roett que já havia escrito sobre o Brasil nos anos 70 volta ao tema com *The New Brazil*, em 2011. *Brazil on the Rise: The Story of a Country Transformed* é lançado em 2012 por Larry Rohter que foi correspondente do New York Times no Brasil.

Essa percepção externa da ascensão do Brasil tem um correspondente interno, na assunção do papel e, portanto na produção de um discurso de autopercepção como potência emergente. O discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no almoço oferecido aos formandos do Instituto Rio Branco em 19 de setembro 2003 é um exemplo deste autoposicionamento do Brasil como potência emergente.

O Brasil é um país por demais importante e muitas vezes não fomos mais importantes porque, muitas vezes, não nos demos importância. O governo tem a decisão política de fazer com que o país utilize todo o seu potencial de ousadia, todo o seu potencial de política externa, para inserir o Brasil no mundo como um país grande, um país que gosta de respeitar e, ao mesmo tempo, um país que quer ser respeitado (LULA DA SILVA, 2003, p.3).

É possível perceber posicionamento semelhante em falas da Presidenta Dilma Rousseff. No discurso durante a cerimônia de abertura do Debate Geral da 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova York nos Estados Unidos da América pode-se visualizar:

É significativo que seja a presidenta de um país emergente – um país que vive praticamente um ambiente de pleno emprego – que venha falar, aqui, hoje, com cores tão vívidas, dessa tragédia que assola, em especial, os países desenvolvidos.

Como outros países emergentes, o Brasil tem sido, até agora, menos afetado pela crise mundial. Mas sabemos que nossa capacidade de resistência não é ilimitada. Queremos – e podemos – ajudar, enquanto há tempo, os países onde a crise já é aguda (ROUSSEFF, 2011, s/p).

A inserção ativa e ativa no sistema internacional, definida assim pelo Ministro das Relações Exteriores do governo Lula, Celso Amorim, é reforçada pela eleição recente de brasileiros como representantes e para a direção de algumas das mais importantes

---

<sup>6</sup>Com exceção apenas do primeiro documento com apenas 7 páginas, os outros têm entre 98 e 160 páginas, ou seja, são relativamente extensos.

organizações internacionais. É o caso de José Graziano na Food and Agriculture Organization (FAO), do embaixador Roberto Carvalho de Azevêdo na Organização Mundial de Comércio (OMC) e de Paulo de Tarso Vannuchi na Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA). A própria disponibilidade do Brasil de colocar candidatos nesse tipo de disputa é significativa do tipo de inserção nos foros internacionais pretendida pelo Brasil.

### 3 OS PERIÓDICOS SOBRE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Especificamente em relação aos periódicos sobre relações internacionais é possível perceber que o Brasil vem sendo objeto mais frequente dessas publicações. A tabela abaixo é resultado de um levantamento feito através da plataforma *Web of Knowledge*. Nela, procurou-se pelos periódicos estrangeiros que pontuaram no *Impact Fator*, índice construído a partir do número de citações que a revista teve em 2011, da ferramenta *Journal Citation Reports – Social Sciences Edition* (2011). Estão listados 81 periódicos. Desse total de revistas, levantou-se quais foram publicadas desde os anos 1980, ou antes disso, uma vez que o objetivo é fazer uma comparação, em termos quantitativos, de quantos artigos foram publicados nos seguintes períodos: de 1981 a 1990, de 1991 a 2000, de 2001 a 2010 e de 2011 a janeiro de 2013. Este levantamento pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1: Periódicos estrangeiros sobre Relações Internacionais – artigos publicados com o termo de busca *Brazil*

Colocação/ Impact Factor	Periódico	País de publicação	Idioma	Período de publicação da revista (Web of Knowledge em jan. 2013)	Período em que há artigos publicados com o termo de busca <i>Brazil</i>	Termo de busca <i>Brazil</i> – todo o período de publicação das revistas	Artigos publicados entre: 1981- 1990	Artigos publicados entre: 1991-2000	Artigos publicados entre: 2001-2010	Artigos publicados entre: 2011-2013
1/3,025	World Politics	Estados Unidos	Inglês	1956-2012	1957-2012	17	4	5	5	1
2/2,98	International Organization	Estados Unidos	Inglês	1956-2012	1980-1993	6	4	1	0	0
3/2,422	Common Market Law Review	Holanda	Inglês	1975-2012	-	0	0	0	0	0
4/2,333	International Security	Estados Unidos	Inglês	1981-2012	-	0	0	0	0	0
5/2,237	Journal of Conflict Resolution	Estados Unidos	Inglês	1966-2012	1999	1	1	0	0	0
6/2,034	Foreign Affairs	Estados Unidos	Inglês	1956-2011	1962-2011	43	3	19	13	1
7/1,98	Journal of Peace Research	Noruega	Inglês	1964-2012	1979-1992	2	0	1	0	0
9/1,865	Marine Policy	Inglaterra	Inglês	1977-2013	1982-2013	14	1	1	9	3
13/1,308	Journal of Common Market Studies	Inglaterra	Inglês	1966-2005	1989	1	1	0	0	0
14/1,265	International Studies Quarterly	Estados Unidos	Inglês	1967-2012	1996-2002	2	0	1	1	0
15/1,256	International Affairs	Inglaterra	Inglês	1956-2012	1958-2012	73	11	10	17	4
20/1,048	American Journal of International Law	Estados Unidos	Inglês	1956-2012	1967-1985	3	1	0	0	0
26/0,933	Journal of Strategic Studies	Inglaterra	Inglês	1978-2012	1986	1	1	0	0	0
30/0,857	Stanford Journal of International Law	Estados Unidos	Inglês	1980-2012	2003	1	0	0	1	0
31/0,826	Conflict Management and Peace Science	Estados Unidos	Inglês	1980-2012	-	0	0	0	0	0
33/0,775	Washington Quarterly	Estados Unidos	Inglês	1983-2013	1995-2001	3	0	2	1	0
37/0,691	Millennium - Journal of International Studies	Inglaterra	Inglês	1985-2012	1986-2001	5	2	1	2	0
38/0,688	World Economy	Inglaterra	Inglês	1977-2012	2005-2011	9	2	0	4	3
39/0,65	Studies in Comparative International Development	Estados Unidos	Inglês	1971-2012	1975-2012	45	9	15	13	5
40/0,649	Ocean Development and International Law	Estados Unidos	Inglês	1973-2013	1979-1981	2	1	0	0	0
47/0,534	International Journal	Canadá	Vários	1966-2012	-	0	0	0	0	0
50/0,5	Space Policy	Inglaterra	Inglês	1985-2012	1995-2012	13	0	5	6	2
52/0,469	Cornell International Law Journal	Estados Unidos	Inglês	1974-2012	2008	1	0	0	1	0

55/0,429	Australian Journal of International Affairs	Australia	Inglês	1990-2012	-	0	0	0	0	0
56/0,420	Bulletin of the Atomic Scientists	Estados Unidos	Inglês	1956-2012	1976-2010	9	0	3	4	0
59/0,404	Journal of the Japanese and International Economies	Estados Unidos	Inglês	1990-2012	2006-2012	3	0	0	2	1
61/0,361	Journal of World Trade	Holanda	Inglês	1974-2011	1990-2010	7	1	1	5	0
68/0,247	Internasjonal Ppolitikk	Noruega	Vários	1966-2012	1999-2011	10	0	1	2	7
69/0,237	Pacific Focus	Coreia do Sul	Inglês	2006-2012	-	0	0	0	0	0
70/0,233	Columbia Journal of Transnational Law	Estados Unidos	Inglês	1974-2012	1984-2007	6	1	2	3	0
76/0,151	Current History	Estados Unidos	Inglês	1956-2012	1957-2012	50	12	5	7	2
77/0,137	Issues & Studies	Taiwan	Inglês	1967-2012	1992	1	0	0	0	0
79/0,106	World Policy Journal	Estados Unidos	Inglês	1985-2012	1987-2010	6	2	3	1	0
<b>Número total de artigos publicados no período destacado</b>						<b>334</b>	<b>57</b>	<b>76</b>	<b>97</b>	<b>29</b>

Fonte: *Web of Knowledge/Journal Citation Reports – Social Sciences Edition* (2011) – Tabela elaborada pela autora.

O que podemos verificar é que tem havido um aumento no número de artigos publicados, que tenham o Brasil como objeto. Entre 1981 e 1990 foram publicados nessas revistas, 57 artigos que podem ser encontrados através da busca pela palavra *Brazil*, entre 1991 e 2000, foram 76 artigos, o que significa um aumento da ordem de 33,33% em relação ao primeiro período. Entre 2001 e 2010 foi possível encontrar 97 artigos o que significa um aumento de 27,63% em relação ao período imediatamente anterior. É interessante notar também que em 2011, 2012 e janeiro de 2013 já se produziu 29,89% dos artigos produzidos no decênio anterior. Temos indícios de que o Brasil está, então, despertando mais interesse da academia especializada.

Se focarmos nos artigos produzidos no século XXI (entre janeiro de 2001 e janeiro de 2013), das 81 revistas, independentemente de período de publicação, 25 delas nunca produziram artigos que mencionassem o Brasil e 10 não possuem artigos com referência ao país no período proposto. Dessa forma, 46 periódicos publicaram artigos que respondessem a busca pela palavra *Brazil*. Isso faz com que tenhamos um universo de 259 artigos. O que é um número bastante significativo conforme descrito na Tabela 2.

Tabela 2: Revistas acadêmicas sobre relações internacionais a serem pesquisadas ordenadas segundo o fator de impacto

Colocação/ impact factor	Periódico	País/ idioma	Artigos: termo de busca - Brasil	Ano de publicação dos artigos (número de artigos)	Artigos (2001 a 2013)
1/3,025	World Politics	EUA/ing.	17	1957, 1969, 1984, 1986(2), 1987, 1993, 1994, 1995, 1996, 2000, 2003(2), 2007, 2010(2), 2012	6
6/2,034	Foreign Affairs	EUA/ing.	43	1962, 963, 1965, 1971, 1975, 1978(2), 1982, 1986, 1989, 1992, 1994, 1995, 1996(2), 1997, 1999(8), 2000(5), 2003, 2004, 2006, 2007, 2008 (2), 2009, 2010(6), 2011	14
9/1,865	Marine Policy	Ing./ing.	14	1982, 1995, 2002, 2004(2), 2007(2), 2008(2), 2010(2), 2011, 2012, 2013	12
11/1,352	European Journal of International Relations	Ing./ing.	1	2010	1
12/1,314	European Journal of International Law	EUA/ing.	1	2011	1
14/1,265	International Studies Quarterly	EUA/ing.	2	1996, 2002	1
15/1,256	International Affairs	Ing./ing.	73	1958(2), 1962, 1964, 1965, 1968(2), 1969(3), 1970(5), 1971(4), 1972(2), 1977(2), 1978(2), 1979(2), 1980(4), 1982(2), 1983(2), 1984, 1987(2), 1988, 1989(2), 1990, 1991, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998(2), 1999(2), 2000(2), 2001, 2002(2), 2003(2), 2005, 2006(3), 2008(4), 2009, 2010(3), 2011(3), 2012	21
18/1,095	International Journal of Transitional Justice	Ing./ing.	1	2010	1
19/1,079	World Trade Review	Ing./ing.	4	2009(2), 2010, 2011	4
21/1,039	Review of International Political Economy	Ing./ing.	5	2002, 2006(2), 2009, 2011	5
22/1,038	New Political Economy	EUA/ing.	2	2006, 2012	2
23/1,034	Pacific Review	Ing./ing.	2	2007, 2010	2
24/1,032	Security Dialogue	Nor/ing.	2	1996, 2009	1
25/0,953	Emerging Markets Finance and Trade	EUA/ing.	6	2005, 2006, 2009(2), 2011(2)	6
27/0,915	Terrorism and Political Violence	Ing./ing.	1	2007	1
29/0,864	Security Studies	Ing./ing.	2	2011, 2012	2
30/0,857	Stanford Journal of International Law	EUA/ing.	1	2003	1
32/0,778	Review of World Economics	Ale/ing.	3	2003, 2007, 2008	3
33/0,775	Washington Quarterly	EUA/ing.	3	1995, 1998, 2001	1
35/0,74	International Studies Review	EUA/ing.	2	2008, 2010	2
37/0,691	Millennium - Journal of International Studies	Ing./ing.	5	1986, 1987, 1991, 2001 (2)	2
38/0,688	World Economy	Ing./ing.	9	1987, 1988, 2004, 2005, 2007, 2010, 2011(2), 2012	7
39/0,65	Studies in Comparative International Development	EUA/ing.	45	1975, 1976, 1979, 1981, 1982, 1983, 1986(5), 1989, 1991, 1992(2), 1993(2), 1994(3), 1995, 1996(2), 1998, 1999, 2000(2), 2001(2), 2002(3), 2004(3), 2005,	18

				2006, 2007, 2009, 2010, 2011(3), 2012(2)	
41/0,613	Survival	Ing./ing.	4	2004, 2009, 2010(2)	4
42/0,585	International Peacekeeping	Ing./ing.	4	2009, 2010(3)	4
44/0,559	International Journal of Conflict and Violence	Ale./ing.	3	2011(3)	3
48/0,533	International Relations	Ing./ing.	3	2008(2), 2012	3
49/0,529	International Studies Perspectives	EUA/ing.	1	2008	1
50/0,5	Space Policy	Ing./ing.	13	1995(2), 1996, 1997, 1999, 2001, 2003, 2005(3), 2008, 2011, 2012	8
52/0,469	Cornell International Law Journal	EUA/ing.	1	2008	1
53/0,435	Global Governance	EUA/ing.	3	2000, 2011(2)	2
53/0,435	Bulletin of the Atomic Scientists	EUA/ing.	9	1976, 1977, 1991, 1992, 1996, 2001, 2003, 2010(2)	4
57/0,417	Latin American Politics and Society	EUA/ing.	75	2001(5), 2002(6), 2003(4), 2004(6), 2005(7), 2006(5), 2007(5), 2008(6), 2009(11), 2010(6), 2011(10), 2012(4)	75
59/0,404	Journal of the Japanese and International Economies	EUA/ing.	3	2006, 2010, 2012	3
61/0,361	Journal of World Trade	Hol/ing.	7	1990, 1999, 2009, 2010(4)	5
62/0,360	Korea Observer	Coreia do Sul/ing.	1	2010	1
63/0,345	Cambridge Review of International Affairs	Ing./ing.	2	2012(2)	2
64/0,343	International Relations of the Asia-Pacific	Ing./ing.	1	2007	1
66/0,308	Journal of Human Rights	Ing./ing.	1	2011	1
68/0,247	Internasjonal Politikk	Noruega/vários	10	1999, 2004, 2006, 2011(7)	9
70/0,233	Columbia Journal of Transnational Law	EUA/ing.	6	1984, 1995, 2000, 2001, 2006, 2007	3
76/0,151	Current History	EUA/ing.	50	1957, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964(2), 1965(2), 1966(2), 1967, 1969, 1972(3), 1973(2), 1974(2), 1976, 1977, 1978, 1980, 1981(3), 1982(2), 1985, 1986, 1987, 1989, 1990(3), 1991, 1992, 1993, 1998, 1999, 2003, 2006, 2007, 2008, 2010(3), 2011, 2012	9
78/0,128	Uluslararası İlişkiler - International Relations	Turquia/turco ing.	2	2009, 2010	2
79/0,106	World Policy Journal	EUA/ing.	6	1987, 1988, 1991, 1994, 1999, 2010	1
80/0,053	Asia Europe Journal	Ale/ing..	1	2012	1
81/0,00*	Internationale Politik	Ale/ale ing	3	2000, 2005, 2012	2
<b>Total de revistas a serem pesquisadas</b>					<b>46</b>
<b>Total de artigos no período determinado para a pesquisa (jan. 2001- jan. 2013)</b>					<b>259</b>

\*pontuação no conjunto de 5 anos (0,009)

Fonte: *Web of Knowledge/Journal Citation Reports – Social Sciences Edition* (2011) – Tabela elaborada pela autora.

Apenas a título de comparação preliminar, foi realizado um breve levantamento da produção sobre o Brasil em periódicos internacionais especializados desde os anos 1980 a partir de seus títulos relacionando-os com termos específicos de busca. O *Journal of Citation Report – Social Sciences Edition 2011* foi também o ponto de partida. Nos 30 primeiros periódicos ordenados segundo o *Impact Factor*, foi feita a busca pelo termo *Brazil*. Em 13 destes não foi encontrada nenhuma referência. Das 17 revistas restantes, 5 não existiam nos anos 1980 e/ou 1990 e foram por isso descartadas. Assim, nos 12 periódicos que perfazem a amostra não foi encontrada, nos títulos dos artigos e/ou resenhas nenhuma referência que conectasse o Brasil a ideias como: *power* (entendido como potência e não poder), *economic superpower*, *rising power*, *emerging power* e *global player*. No entanto, entre 2001 e janeiro de 2013, em 4 periódicos (*Foreign Affairs*, *Marine Policy*, *European Journal of International Relations* e *International Affairs*) existem 18 artigos com esse tipo de referência. Há então, elementos que nos indicam que existe uma conexão mais frequente, nos artigos publicados nos periódicos levantados, a partir de 2001, entre as referências ao Brasil e a ideia de potência. Na Tabela 3 estão listados os periódicos avaliados.

Tabela 3: Periódicos ordenados segundo o *Impact Factor*

Colocação / <i>Impact Factor</i>	Periódico
1/3,025	World Politics
2/2,98	International Organization
3/2,422	Common Market Law Review
4/2,333	International Security
5/2,237	Journal of Conflict Resolution
6/2,034	Foreign Affairs
7/1,98	Journal of Peace Research
8/1,939	Biosecurity and bioterrorism - biodefense strategy practice and science
9/1,865	Marine Policy
10/1,381	International Political Sociology
11/1,352	European Journal of International Relations

12/1.314	European Journal of International Law
13/1.308	Journal of Common Market Studies
14/1.265	International Studies Quarterly
15/1.256	International Affairs
16/1.118	Review of International Organizations
17/1.11	Review of International Studies
18/1.095	International Journal of Transitional Justice
19/1.079	World Trade Review
20/1.048	American Journal of International Law
21/1.039	Review of International Political Economy
22/1.038	New Political Economy
23/1.034	Pacific Review
24/1.032	Security Dialogue
25/0.953	Emerging Markets Finance and Trade
26/0.933	Journal of Strategic Studies
27/0.915	Terrorism and Political Violence
28/0.902	Cooperation and Conflict
29/0.864	Security Studies
30/0.857	Stanford Journal of International Law

Fonte: *Web of Knowledge/Journal Citation Reports – Social Sciences Edition* (2011) – Tabela elaborada pela autora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o intuito de apresentar um levantamento inicial sobre a percepção acerca do lugar do Brasil no sistema político internacional tendo como orientação a perspectiva teórica da Escola Inglesa que, aliada ao neorrealismo e ao construtivismo, norteia a pesquisa para elementos que vão além da capacidade material dos Estados. Dessa forma, a proposta foi avaliar como o Brasil tem sido percebido principalmente por setores especializados da academia e também da imprensa internacional.

No curso da pesquisa foi possível compreender que o tratamento do Brasil como potência emergente ou em ascensão é um fenômeno que pode ser detectado ainda nos anos 1970, ligado ao crescimento do país na fase do chamado Milagre Econômico. Neste período, ao mesmo tempo em que o Brasil se destacava na economia, o cenário político era considerado pelos observadores internacionais como de desrespeito aos direitos humanos e às instituições democráticas. No entanto, desde o início desse século, já que tomamos o relatório do *Goldman Sachs*, publicado em 2001, que cunha o termo BRICs, como marco inicial, diversas referências ao Brasil como potência emergente ou em ascensão têm sido feitas, mas estas sustentadas em bases mais amplas que a economia, além da estabilidade econômica, o contexto democrático, a redução das desigualdades sociais e os avanços na área energética são citados com frequência. Avalia-se ainda que, em certa medida, há uma aproximação do discurso internacional com o interno no que tange à construção de uma ideia do Brasil como potência emergente. Há também uma maior representação do Brasil, em termos quantitativos, nos artigos publicados nos mais importantes periódicos estrangeiros sobre relações internacionais sendo que as referências sobre o status de potência do Brasil são também mais frequentes.

Isto posto, sobram mais perguntas que respostas. Existem recursos disponíveis para sustentar um posicionamento do Brasil no rol das potências? Estamos diante de um cenário duradouro ou apenas de mais um ciclo de percepção positiva sobre o lugar do Brasil no sistema internacional? A disposição do Brasil em assumir tal papel realmente conta ou estamos diante de uma construção sistêmica?

## REFERÊNCIAS

- ALARCON, Rodrigo. *Brasil: repressão y tortura*. Santiago de Chile, Orbe, 1971.
- ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as Nações*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/ Editora Universidade de Brasília/ Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2002.
- BIOCCA, Ettore. *Estratégia do terror: A face oculta e repressiva do Brasil*. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1974.
- BRAINARD, Lael e MARTINEZ-DIAZ, Leonardo. *Brazil as an Economic Superpower?: Understanding Brazil's Changing Role in the Global Economy*. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2009.
- BRASIL. Decreto 5.484, de 30 de junho de 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5484.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5484.htm). Acesso em 20/06/2013.
- BRASIL. Decreto 6.703 de 18 e dezembro de 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/Decreto/D6703.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/Decreto/D6703.htm). Acesso em: 20/06/2013.
- BUZAN, Barry e WÆVER, Ole. *Regions and Powers: The Structure of International Security*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- BUZAN, Barry, *Regions and Powers: The Structure of International Security*, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- BUZAN, Barry, *The United States and the Great Powers: World Politics in the Twenty-First Century*, Cambridge: Polity Press, 2004.
- BUZAN, Barry. “As implicações do 11 de setembro para o estudo das relações internacionais”. *Contexto Internacional*. Rio de Janeiro: vol. 24, n. 02, p. 233-265, jul./dez, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292002000200001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292002000200001&script=sci_arttext). Acesso em: 02/02/2013.
- BUZAN, Barry. *From International to World Society? English School Theory and the Social Structure of Globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004a.
- CORREA, Paulo Gustavo, “Desenvolvimento e Cooperação Internacional: um olhar sobre os projetos do Brasil e Estados Unidos na MINUSTAH”. *Boletim Meridiano 47*, vol. 13, n. 130, mar.-abr. 2012, pp. 36-43. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/MED/article/view/6253/5485>. Acesso em 20/06/2013.
- COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Task Force Report: A Letter to the President and a Memorandum on U.S. Policy Toward Brazil, 2001. Disponível em: <http://www.cfr.org/brazil/letter-president-memorandum-us-policy-toward-brazil/p3900>. Acesso em: 20/03/2013.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Task Force Report: Global Brazil and U.S.-Brazil Relations, 2011. Disponível em: <http://www.cfr.org/brazil/global-brazil-us-brazil-relations/p25407>. Acesso em: 20/03/2013.

DE ONIS, Juan. "Brazil's Big Moment-A South American Giant Wakes Up". *Foreign Affairs*, v. 87, p. 110-123, 2008. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/20699375?uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21102447460661>. Acesso em: 13/03/2013.

EUROPEAN COMMISSION. "Communication from the Commission to the Council and the European Parliament: Towards an EU-Brazil Strategic Partnership (COM 281)". Bruxelas, 30, mai. 2007. Disponível em: [http://ec.europa.eu/external\\_relations/brazil/docs/com07\\_281\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/external_relations/brazil/docs/com07_281_en.pdf). Acesso em: 14/02/2013.

FOLLATH, Erich; GLUESING, Jens. "From poverty to power: how good governance made Brazil as a model nation". Spiegel Online, s/p, 08, out., 2012. Disponível em: <http://www.spiegel.de/international/world/good-governance-series-how-brazil-became-a-model-nation-a-843591.html>. Acesso em: 14/02/2013.

FT MAGAZINE: *Here comes Brazil*, 22, fev., 2013. Disponível em: <http://www.ft.com/home/us>. Acesso em 24/02/2013.

GORDON, Lincoln. *Brazil's Second Chance: En Route Toward the First World*. Washington, DC: Brookings Institution, 2001.

HURRELL, Andrew. "Brazil: What Kind of Rising State in What Kind of Institutional Order." In: ALEXANDROFF, Alan S. e COOPER, Andrew F. (org.), *Rising States, Rising Institutions. Challenges for Global Governance*, Baltimore, p.128-150, 2010a.

HURRELL, Andrew. "Brazil and the new global order". *Current History*, v. 109, n. 724, p. 60-68, 2010. Disponível em: <http://rrii.flacso.org.ar/web/web/wp-content/uploads/2010/09/Hurrell-Brazil-and-the-New-Global-Order1.pdf>. Acesso em: 02/02/2013.

HURRELL, Andrew. "Lula's Brazil: a rising power but going where?" *Current History*, v. 107, n. 706, p. 51-57, 2008. Disponível em: [http://www.giga-hamburg.de/dl/download.php?d=/english/content/rpn/pdf/current\\_history\\_hurrell.pdf](http://www.giga-hamburg.de/dl/download.php?d=/english/content/rpn/pdf/current_history_hurrell.pdf). Acesso em: 02/02/2013.

HURRELL, Andrew. "Some Reflections on the Role of Intermediate Powers in International Institutions". In: HURRELL, Andrew et al. *Paths to power: Foreign policy strategies of intermediate states*. Latin American Program, Woodrow Wilson International Center for Scholars, p. 1-11, 2000. Disponível em: <http://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/ACF14A1.pdf>. Acesso em: 02/02/2013.

KINGSTONE, Peter. "Brazil: The Sleeping Giant Awakens?". *World Politics Review*, 12/01/2009. Disponível em: <http://www.worldpoliticsreview.com/articles/3145/brazil-the-sleeping-giantawakens>. Acesso em: 28/02/2013.

KUCINSKI, Bernardo e TRONCA, Ítalo. “*Pau de Arara*” – *La Violence Militaire au Brésil*. Paris, François Maspero, Cahiers Libres, 1971.

LOVE, Joseph L. e BAER, Werner. *Brazil under Lula: Economy, Politics, and Society under the Worker-President*. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2009.

LULA DA SILVA, Luiz Inácio. Discurso proferido pelo senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em almoço oferecido aos formandos do Instituto Rio Branco, 19/09/2003. Brasília: Presidência, 2003. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1omandato/pdfs-2003/2o-semester/18-09-2003-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-em-almocooferecido-aos-formandos-do-instituto-rio-branco/view>. Acesso em 13/03/2013.

MALAMUD, Andrés. “A leader without followers? The growing divergence between the regional and global performance of Brazilian foreign policy”. *Latin American Politics and Society*, v. 53, n. 3, p. 1-24, 2011. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1548-2456.2011.00123.x/pdf>. Acesso em: 20/02/2013.

MARTINS FILHO, João Roberto. “Tensões militares no governo Lula (2003-2009): a pré-história do acordo com a França”. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 4. Brasília, julho-dezembro de 2010, pp. 283-306. Disponível em: <http://www.red.unb.br/index.php/rbcp/article/viewFile/6551/5278>. Acesso em: 20/06/2013.

MEMORANDUM of Understanding Concerning Consultations on Matters of Mutual Interest assinado por Henry A. Kissinger e Antonio F. Azeredo da Silveira, fevereiro de 1976 Disponível em: <http://www.fordlibrarymuseum.gov/library/document/dosb/1916.pdf#page=26>. Acesso em: 02/02/2013.

NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL. Global Trends 2010, nov. 1997. Disponível em: <http://www.dni.gov/index.php/about/organization/national-intelligence-council-global-trends/global-trends-2010>. Acesso em: 23/03/2013.

NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL. Global Trends 2015: a Dialogue about the Future with Nongovernment experts, dez. 2000. Disponível em: <http://www.dni.gov/files/documents/Global%20Trends%202015%20Report.pdf>. Acesso em: 23/03/2013.

NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL. Global Trends 2020: Mapping the Global Future, dez. 2004. Disponível em: [http://www.dni.gov/files/documents/Global%20Trends\\_Mapping%20the%20Global%20Future%202020%20Project.pdf](http://www.dni.gov/files/documents/Global%20Trends_Mapping%20the%20Global%20Future%202020%20Project.pdf). Acesso em: 23/03/2013.

NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL. Global Trends 2025: a Transformed World, nov. 2008. Disponível em: [http://www.dni.gov/files/documents/Newsroom/Reports%20and%20Pubs/2025\\_Global\\_Trends\\_Final\\_Report.pdf](http://www.dni.gov/files/documents/Newsroom/Reports%20and%20Pubs/2025_Global_Trends_Final_Report.pdf). Acesso em: 23/03/2013.

NATIONAL INTELLIGENCE COUNCIL. Global Trends 2030: Alternative World, dez. 2012. Disponível em: [http://www.dni.gov/files/documents/GlobalTrends\\_2030.pdf](http://www.dni.gov/files/documents/GlobalTrends_2030.pdf). Acesso em: 23/03/2013.

OLIVEIRA, Eliezer R. de. 2009. “A estratégia nacional de defesa e a reorganização e transformação das Forças Armadas”. *Interesse Nacional*, n. 5, ano 2, s/p. Disponível em: <http://interessenacional.uol.com.br/2009/04/a-estrategia-nacional-de-defesa-e-a-reorganizacao-e-transformacao-das-forcas-armadas/>. Acesso em: 20/06/2013.

OLIVEIRA, Marcelo Fernandes de. Alianças e coalizões internacionais do governo Lula: o Ibas e o G-20. *Revista Brasileira de Política Internacional*, vol. 8, n. 2, p 55-69, 2005. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/rbpi/v48n2/a03v48n2.pdf>. Acesso em: 22/01/2013.

O'NEILL, Jim. *Building better global economic BRICs*. Goldman Sachs, 2001. Disponível em: <http://www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/building-better.html>. Acesso em: 22/01/2013.

PERRY, William; KERN, Sheila. “The Brazilian nuclear program in a foreign policy context”. *Comparative Strategy*, vol. 1, n. 1-2, p. 53-70, 1978.

PERRY, William. “Contemporary Brazilian Foreign Policy: The International Strategy of an Emerging Power”. *Foreign Policy Papers*, Vol. 1, No. 6, Beverly Hills, Ca. Sage Publications, 1976.

ROETT, Riordan. “Brazil ascendant: international relations and geopolitics in the late 20th century”. *Journal of International Affairs*, v. 29, n. 2, 1975. Disponível em: <http://connection.ebscohost.com/c/articles/5299026/brazil-ascendant-international-relations-geopolitics-late-20th-century>. Acesso em: 20/06/2013.

ROETT, Riordan. *The New Brazil*. Washington, DC: Brookings Institution, 2011.

ROHTER, Larry. *Brazil on the Rise: The Story of a Country Transformed*. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2012.

ROUSSEFF, Dilma. Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura do Debate Geral da 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas - Nova York/EUA, 21 set. de 2011. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-do-debate-geral-da-66a-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-nova-iorque-eua>. Acesso em: 22/06/2013.

SCHNEIDER, Ronald M. *Brazil: Foreign policy of a future world power*. Boulder, Co.: Western Press, 1976.

SCHOOYANS, Michel. *Demain Le Brésil? Militarisme et Technocratie*. Paris: Les Éditions Du Cerf, 1977.

THE ECONOMIST. *Brazil takes off*, 14 de novembro de 2009. Disponível em: <http://www.economist.com/node/14845197>. Acesso em 02/02/2013.

THE WALL STREET JOURNAL. "Brazil Joins Front Rank of New Economic Powers" 13, mai., 2008. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB121063846832986909.html>. Acesso em: 13/03/2013.

THE WALL STREET JOURNAL. "Economy Fuels Brazil's Ambitions Beyond South America" 06, fev. 2009. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB123397388345159609.html>. Acesso em 13/03/2013.

VIGEVANI, Tullo, et al. "A contribuição marxista para o estudo das relações internacionais". *Lua Nova*, São Paulo, n. 83, p. 113-143, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n83/a05n83.pdf>. Acesso em: 02/02/2013.

WILSON, D.; PURUSHOTHAMAN, R. *Dreaming with BRICs: The path to 2050*. Goldman Sachs, Global Economics Paper, 2003. Disponível em: <http://www.goldmansachs.com/ourthinking/archive/brics-dream.html>. Acesso em 22/01/2013. [ao-das-forcas-armadas/](#)

WORCESTER, Donald Emmet. *Brazil, from colony to world power*. Vol. 73. Scribner, 1973.